



Inovação nas práticas de promoção da saúde por meio da arte da palhaçaria: a dialogia do riso registrada em vídeo-documentários nas experiências de campo

(Innovation on health promotion practices through the art of the clown: dialog of laughter recorded in video documentaries in field work)

Marcus Vinicius Campos Matraca¹

Tania C. de Araújo-Jorge²

Resumo:

Neste artigo descrevemos e refletimos sobre a construção dos vídeos documentários: “Matraca e o povo invisível” e “Na Pista”, ambos protagonizados pelo Palhaço Matraca nas ruas das cidades do Rio de Janeiro, Niterói, Buenos Aires e Brasília, dialogando e brincando com o povo da rua sobre temas de saúde e vida. Este estudo lança mão da metodologia da pesquisa participante e utiliza a Dialogia do Riso como estratégia para a promoção da saúde com a arte da palhaçaria fora de ambiente hospitalar, diretamente em situações de rua.

Palavras-chave: Promoção da saúde; população de rua; dialogia do riso; alegria; políticas públicas.

Abstract:

In this paper we describe and discuss on two video documentaries: “Matraca e o Povo Invisível” and “Na Pista”, both featured by the Clown Matraca on the streets of Rio de Janeiro, Buenos Aires, Niterói and Brasília, cross talking and playing with people of the streets about health and life subjects. This work applies the methodology of participant research and uses the Dialogy of Laughter as strategy for health promotion with the art of the clown directly in street situations, out of the hospital ambience.

Keywords: Street`s people; health promotion; social invisibility; public policies; joy.

¹ Sociólogo, Palhaço e Doutor em Ensino de Biociências e Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz – Instituto Oswaldo Cruz, Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos. Atualmente é coordenador do projeto PALHASUS. www.palhacomatraca.com.br; matraca@ioc.fiocruz.br. Av. Brasil, 4365, Manguinhos, Rio de Janeiro. CEP: 21040-360.

² Médica, Doutora em Ciências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com Pós-doutorado em Imunoparasitologia, Pesquisadora Titular do Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos e atualmente Diretora do Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz. E-mail: taniaaj@ioc.fiocruz.br. Av. Brasil, 4365, Manguinhos, Rio de Janeiro. CEP: 21040-360.

Introdução

Neste artigo descrevemos e refletimos sobre o trabalho de campo de um cientista social no papel de Palhaço Matraca, em diálogos sobre temas de saúde e vida diretamente com população de rua, registrado mediante a construção de dois vídeos-documentários: “Matraca e o povo invisível” e “Na Pista”. Ao nosso conhecimento, esta é a primeira experiência de pesquisa participante por meio da arte da palhaçaria em ações de promoção da saúde fora de ambiente hospitalar, diretamente em situações de rua.

O personagem “Palhaço Matraca” é fruto do diálogo de um pesquisador que passeia no campo da ciência e da arte em suas investigações. Matraca é um brincante por natureza, e desde 2003 está “na pista” com seu saxofone espalhando encanto para o grande picadeiro da vida (Figura 1). Boa parte da sua formação é informal. Aprendeu matemática quando estagiou na bilheteria do circo, diplomacia com cada povo que encontra na pista do mundo, ciência quando resolve planejar alguma engenhoca para o maior espetáculo da terra. Informações, ele busca as necessárias para apresentar com generosidade sua arte que, geralmente, denuncia com humor as diferenças e desigualdades do local visitado. O palhaço pode ser bobo, mas não é tolo.

Adotamos como base conceitual a *Dialogia do Riso* (MATRACA et al., 2009), baseado na prática da educação popular em saúde desenvolvida com alegria. Como afirmamos neste trabalho, o riso ajuda a contrapor a idéia de saúde como simples ausência de doença ou um completo bem-estar, tese defendida inicialmente como conceito universal da saúde pela OMS desde 1946.

Assumimos o conceito de Promoção da Saúde firmado em 1986, na Carta de Ottawa, em que saúde é entendida como um recurso para a vida e não como um objetivo de viver. Adotamos a definição de Lefèvre (2004) para Promoção da Saúde, compreendendo-a como uma ferramenta para a percepção ampliada, integrada, complexa e inter-setorial da saúde e da vida, articulando ambiente, educação, recursos humanos, estilo e qualidade de vida. Promoção da Saúde é hoje um eixo estruturante do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil, com política própria formulada e implementada em todo o país. Os preceitos do SUS são universalidade, equidade, integralidade, descentralização –municipalização e regionalização – hierarquização e participação popular. A concepção de saúde como direito social encontra-se na Constituição Federal de 1988, Art. 196: “A saúde é direito de todos e dever do Estado,

garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doenças e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”.

Descrevemos o processo de construção dos dois vídeos que fizeram parte da tese de Doutorado “*Alegria Para Saúde: A Arte da Palhaçaria como Proposta de Tecnologia Social no Sistema Único de Saúde*” (Matraca, 2009) na qual geramos conhecimento para responder “Sim” à seguinte pergunta: A arte da palhaçaria tem poder dialógico para comunicar sobre questões de saúde com diferentes públicos?

A pesquisa participante

O trabalho de campo utilizou como método a pesquisa participante, na qual, segundo Brandão (1985), o pesquisador se coloca como sujeito do grupo investigado, e não a serviço do grupo, mas da prática de sua política. Trata-se de uma investigação social de cunho educativo, que busca a plena participação coletiva da comunidade na análise de sua própria realidade. A pesquisa participante possibilita não só a intervenção do pesquisador no processo, como a construção dialógica sobre a realidade social que se investiga.

Dentre todas as fases que o trabalho de campo oferece, sem dúvida, a mais importante é a que diz respeito ao reconhecimento do território e pessoas envolvidas na investigação. No entanto este reconhecimento tem algo de peculiar. Não é apenas o investigador que vai a campo, mas sim o Palhaço, um agente secreto social pronto para a revolução, tendo como aliados o riso e a alegria. Na história da palhaçaria este herói às avessas sempre precisou inventar soluções para sua sobrevivência. O Palhaço vai onde o povo está, de cidade em cidade, de reino em reino, de vila em vila, estando disponível ao encontro e aprendizado da cultura de cada grupo que entra em contato. Adere rapidamente aos costumes locais, ao idioma e aos principais traços folclóricos e culturais para poder apresentar o espetáculo que, geralmente, denuncia as diferenças e desigualdades do local visitado. Esta é a arte da palhaçaria adotada para este trabalho, também compartilhada com o palhaço brasileiro Benjamim de Oliveira, o palhaço norte americano Patch Adams, o palhaço espanhol Leo Bassi e todos os Palhaços de Rua.

Os tempos são outros, mas alguns cuidados éticos com os grupos a serem investigados são indispensáveis na construção de um vídeo, principalmente no campo da documentação científica. Ao invés de utilizar um termo formal de

consentimento livre e esclarecido, a ser apresentado, discutido e assinado pelos participantes, optamos por obter esse consentimento diretamente nos registros orais no processo de filmagem, que traduziu os diálogos acordados. Sabemos que nem tudo pode ser descrito pelas imagens, e na construção de um vídeo documentário vivemos um processo onde o roteiro não corre em trilhos previstos, podendo levar o investigador a lugares não imaginados. A cada saída a campo do palhaço Matraca, o cinegrafista registrava a rua, a população de rua, as profissionais do sexo e o diálogo com o palhaço, procurando observar seu cotidiano e perguntar-lhes sobre sua saúde e seu contato com os serviços de saúde.

A preocupação metodológica em apresentar o cenário escolhido de maneira fiel à realidade observada, nos fez refletir sobre os “Argonautas do Pacífico Ocidental” (MALINOWSKI, 1976), trabalho que muda a história da antropologia quando propõe um novo método para o trabalho de campo no qual o etnógrafo participa diretamente do cotidiano social observado. Nesta obra, o autor descreve como ocorre o *kula*, sistema circular de trocas, místico e sem noção de posse permanente, que influencia a vida dos nativos das Ilhas Trobriand, localizado nos arquipélagos da Nova Guiné. O etnógrafo publica em 1922 sua aventura com 75 imagens, apresentando a fotografia como um ferramental necessário para registrar o trabalho de campo.

Como a fotografia, o vídeo documentário transita facilmente no campo da antropologia identificado em duas tendências: o rigor etnográfico e a exploração do exótico. Segundo Freire (2005), o primeiro filme classificado como antropológico foi realizado na primavera de 1895, por Félix-Louis Regnault, utilizando uma câmera cronofotográfica de E.J. Masrey, onde se registrou imagens de uma mulher africana *Wolof* confeccionando objetos em argila, apresentado na *Exposition Ethnographique de l’Afrique Occidentale* em Paris. Como fatos históricos reservam diferentes perspectivas daqueles que os reconstituem, alguns atribuem o privilégio do primeiro registro visual antropológico para T. A. Edison pelo documentário *Indian war council e Sioux ghost dance*. Entretanto, os registros foram realizados em 1894 no Studio Black Maria no subúrbio de Nova York, com uma pobre reconstituição cenográfica do *habitat* dos índios Sioux.

A utilização do instrumental da filmagem na pesquisa requer uma reflexão dialógica com os sujeitos que estão sendo investigados. Para Serafim (2007) é muito

complexo apreender e devolver ao espectador os sentidos e estados mentais dos atores sociais fotografados ou filmados.

Descrição e processo de construção dos dois documentários

Documentário 1: “Matraca e o Povo Invisível” (Figura 2-Anexo)

Um trabalho de diálogos com populações excluídas dificilmente pode transcorrer com instrumentos convencionais de pesquisa tais como questionários fechados, pranchetas e anotações. Por isso, desde o início, resolvemos utilizar os recursos do registro de imagens e sons, lançando mão de fotografia e filmagem, com a decisão de coletar material para a pesquisa de modo a poder realizar vídeo-documentários. O objetivo deste vídeo-documentário específico é apresentar as diversas ferramentas adotadas pelo investigador na execução da pesquisa participativa, como a palhaçaria, a música, a *Dialogia do Riso* potencializando encontros com alegria.

Os conceitos de promoção da saúde, invisibilidade social, alegria e políticas públicas, foram transversais para todos os participantes. Com humor e alegria, o Palhaço Matraca interliga no documentário o diálogo entre o povo invisível, técnicos de saúde e militantes sociais. A captação de imagem foi realizada em três territórios distintos: Rio de Janeiro, Niterói e Buenos Aires. Os locais de intervenção e observação foram escolhidos com base na experiência pessoal do pesquisador. Ele residiu no bairro do Flamengo e, no dia a dia, observava uma incidência grande de moradores em situação de rua e profissionais do sexo no seu bairro, no Largo do Machado, no Catete, na Glória e na Lapa, todos localizados na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Esses bairros são conhecidos por fazerem parte da história política do país. Até a década 60, a casa oficial do Presidente da República era o Palácio do Catete, localizado entre o Largo do Machado e Glória, atribuindo imponência histórica a esses bairros. O bairro da Lapa detinha a tradição da boemia, dos sambistas, das profissionais do sexo e dos arcos construídos para funcionar como aquedutos nos tempos do Brasil Colonial. No processo de observação, notamos alguns pontos comuns entre esses bairros: moradores de rua, ambulantes e profissionais do sexo. Foram convidados a prestar depoimentos e participar do debate profissionais que lidam com essa realidade: Rodrigo Maia, do Centro de Saúde da Cinelândia, médico que acolhe profissionais do sexo, em sua maioria travestis; Marcello Duarte, da ONG Cidade

Viva, que trabalha com a diversidade sexual e pessoas que vivem com HIV/AIDS; Jorge Muños, da ONG Nova Pesquisa, que investiga a questão dos moradores em situação de rua; Cida Diogo, deputada estadual (RJ) militante dos direitos da mulher e humanos; Márcia Santana, Coordenadora do programa DST/AIDS da cidade de Niterói; Pablo Aníbal, ex-morador de rua em Buenos Aires, vendedor da revista HECHOS na Argentina e OCAS no Brasil.

Para a confecção do documentário o registro do trabalho de campo transcorreu de dezembro de 2004 a março de 2006. As primeiras imagens foram feitas na lógica de *Uma câmera na mão e uma idéia na cabeça* (Monzani, 2003) e ironicamente a primeira captação foi realizada no Dia do Palhaço, 10/12/2004. O objetivo era filmar a práxis do Palhaço Matraca, que aparece no início do documentário num fim da tarde, andando de metrô e a pé no centro da cidade do Rio de Janeiro. Neste espírito, o trabalho de campo foi realizado quinzenal ou semanalmente no período de captação de imagens. Foram em média 6 horas por intervenção, com início às 20h e término à 01h, período em que os povos de rua ocupam seus territórios. A primeira etapa foi realizada na solidão, método e êxtase do investigador, que Da Matta (1978) sugere como *Anthropological Blues*, sentimento de distanciamento no qual o pesquisador adentra no universo investigado para tentar transformar a diferença em familiaridade e a familiaridade em diferença. Em janeiro de 2006, o SESC de Niterói nos convidou para exibir a prévia de *Matraca e o Povo Invisível*, no dia 29/03 na Mostra sobre Populações de Rua, “Todo o mundo na rua”. Com apoio do Instituto Oswaldo Cruz – Fiocruz e do SESC de Niterói, o documentário foi finalizado em maio de 2006.

O roteiro do filme foi dividido em três partes: (1) Apresentação da idéia do pesquisador, sua transformação no Palhaço Matraca e práxis; (2) Moradores de rua das cidades; (3) Profissionais do sexo. Na primeira parte, abordamos o tema da prática da liberdade, que só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de se descobrir e se conquistar como sujeito de sua própria destinação histórica, com alegria, refletindo sobre isso de modo a ampliar sua consciência sobre o tema. O diálogo e o riso são recursos utilizados para potencializar a promoção de encontros baseados na lógica da alegria humana. O universo lúdico como instrumental educativo exerce papel fundamental não só no processo de aprendizagem em saúde, mas na relação do cidadão com o seu meio social.

Na pele do Palhaço Matraca, o pesquisador vai a campo sorrir, conversar e brincar com povo invisível, optando pelo período noturno para realizar as investigações das paisagens sociais ocultas à luz do dia. Segundo Cristina Pereira (2003) são os povos da rua que à noite se expressam na diversidade dos profissionais do sexo, dos moradores de rua, dos ambulantes, do povo invisível. Becker (2008) denomina estes grupos como os outsiders:

todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las. Regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriadas, especificamente algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas”. Quando a regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é encarada como um outsider (p. 15).

O Palhaço pode ser considerado parte do povo invisível, pois não tem nenhum vínculo com qualquer aparência da realidade instituída, e acaba sendo um desvio dentro do sistema social. Além de ser uma figura cômica, no imaginário coletivo o palhaço pode ser o bêbado, o morador de rua, o perdedor, a profissional do sexo e nesta lógica a personagem adere facilmente aos grupos sociais estigmatizados. Uma construção coletiva que se traduz nos versos do trovador de rua Emicida (2009): “Na pista, pela vitória, pelo triunfo, pela conquista, se é pela glória, uso meu trunfo, a rua é nóiz, nóiz, nóiz”.

Na segunda parte do documentário, o foco aponta a população de rua e profissionais do sexo. A abordagem das pessoas pelo Palhaço Matraca se dá através da música, quando ele, brincando, tocando seu sax tenor, conversa e distribui preservativos e flores para os amigos e amigas. A marginalidade do palhaço lhe permite iniciar esse diálogo sem qualquer dificuldade.

Apesar do cenário maravilhoso que a cidade locada oferece, nos deparamos com um abismo social entre a minoria que habita a “casa grande” e a maioria que vive na “senzala”, dentro de um certa “normose” social. Segundo Weil (2003), normose:

é um conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar ou agir, que são aprovados por consenso ou pela maioria de uma determinada sociedade e que provocam sofrimento, doença e morte. Em outras palavras, é algo patogênico e letal, executado sem que seus autores e atores tenham consciência de sua patologia (p. 22).

Muitos de nós não concordamos com a condição social dos moradores de rua, mas estamos acostumados a ver e viver neste cenário com calçadas e marquises ocupadas por seres humanos, gerando assim certo grau de normose e convivência ao

sistema de exclusão estabelecido, banalizando nossa potencial indignação frente a tal injustiça e exclusão social.

Apesar de o desemprego ser um fator recorrente entre os moradores de rua, não podemos isolar este fenômeno social das demais vulnerabilidades que o processo de desvinculação articula. Para Scorel (2003, p.139), “A população que mora nas ruas é personagem e cenário do drama social das grandes cidades do país. Personagens que narram suas trajetórias de múltiplas, constante e cumulativas desvinculações”. No documentário Jorge Muños afirma que “o perfil dos moradores de rua é em sua maioria masculina; entretanto nos últimos 15 anos o número, de mulheres e famílias inteiras, aumentou consideravelmente”.

Marcelo Duarte faz a seguinte fala:

Vários municípios, nesse Brasil, aqui no Rio de Janeiro. Quando quer esconder esta população passa com um ônibus e recolhe, deixando todo um histórico que carregam para traz, que às vezes é uma sacola, às vezes é num pano enrolado que é o documento, o medicamento, e ali começa uma outra história não conseguindo regatar a anterior.

O Projeto Meio-Fio desenvolvido pelos Médicos Sem Fronteiras (2004) no centro da Cidade do Rio de Janeiro, entre 2000 a 2004, oferecia atendimento de saúde e psicossocial à população adulta em situação de rua. Esse trabalho era realizado diariamente por uma equipe multidisciplinar, constatando a existência de operações denominadas pejorativamente de “Cata-Tralhas”, que retiram da população da rua seus pertences, documentos, dinheiro e medicamentos, potencializando a exclusão como ponto de chegada para muitos atores sociais.

A revista OCAS (2006) relatou que o Ministério de Desenvolvimento e Ação Social e Combate à Fome propôs uma pesquisa que quantificaria e qualificaria, na cidade, os cidadãos que sobrevivem sem um teto. O critério para o desenvolvimento da pesquisa era o envolvimento da Secretaria Municipal de Assistência Social do Rio de Janeiro com ONGs que já atuam nesta área. Entretanto, a pesquisa não foi realizada, pois a prefeitura não aceitou desenvolver a pesquisa em parceria com organizações da sociedade civil. Apesar dos recursos financeiros estarem disponíveis, a normose dos interesses políticos falou mais alto e prevaleceu a omissão diante de um problema de saúde pública. Anti-ação que impossibilitou não só a realização de um diagnóstico mais preciso sobre a situação do povo invisível, mas a possibilidade de legitimar novas políticas públicas.

Fernando Costa (2004), em sua pesquisa participativa como gari na cidade de São Paulo, constatou que a invisibilidade social opera em dois planos: consciente e inconsciente. Quanto mais próximo se está desse sujeito invisível, mais consciência se tem dele e de sua invisibilidade. O resultado, segundo o pesquisador, é que pessoas passam a ser entendidas como coisas, chegando a ser imperceptíveis. Em seu livro “Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social”, Costa escreve que “um homem se alimenta do olhar de outro homem” (p. 216). Estamos falando de um olhar compartilhado entre as pessoas e partir de uma relação horizontal onde: “Sentimo-nos de fato iluminados – alimentados – na experiência intersubjetiva do olhar desembaraçado: ver e sentir-se como quem é visto. O olhar dos outros homens, desamarrado de posições classistas, é força que nos sustenta.” (p. 217).

A Constituição Federal do Brasil, no art. 196 (1988) diz que a “saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”. Este direito não condiz com a realidade dos atores sociais envolvidos no documentário. Em suas conversas, o Palhaço Matraca questiona um morador de rua se ele era bem atendido no Centro de Saúde. O Sr. Montes das Oliveiras, como se apresentou para o palhaço responde: “No Souza Aguiar demora sempre por que somos de rua, a gente da rua não tem valor nenhum. Pergunta logo, é da rua? Aí demora a ser atendido. Nós somos ser humano comum, tem que dar o valor comum, do pobre que dorme no chão como o rico”. Um morador que frequenta outro hospital afirma que: “a última vez que fui, demorei a ser atendido, fiquei até de madrugada... entrei com a dor e saí com a dor”. Este tipo de situação, segundo Dr. Rodrigo Maia, apresenta claramente o despreparo do profissional da saúde em acolher qualquer tipo de usuário.

Negar acesso ao sistema de saúde é colaborar para a expansão de epidemias como a tuberculose, cuja ocorrência é 60 vezes maior entre os moradores de rua do que na população em geral (ADORNO e VARANDA, 2004). Segundo Pablo Aníbal, ex-morador de rua na Argentina, a pneumonia e a tuberculose são comuns entre a população em situação de rua de Buenos Aires, onde o etnógrafo pode vivenciar seu trabalho. Foi apenas uma intervenção para observar um número expressivo de moradores de rua, registrado em fotografia anexada ao documentário.

Apesar do estado caótico, Santos e Lopes (1997) defendem a idéia de uma educação que parta da conflitualidade do conhecimento, ou seja, um processo educativo, onde o conflito sirva, antes de tudo, para vulnerabilizar o sistema hegemônico. O

projeto educativo emancipatório, significa produzir imagens desestabilizadoras a partir de um passado de segregação concebido não como fatalidade, mas como produto da iniciativa humana.

Como exemplo, temos algumas tecnologias sociais voltadas para a população de rua, o projeto Ocas no Brasil e Hecho na Argentina que estão dando certo. O projeto são revistas (Ocas – Hechos) de baixo custo, porém, com conteúdo estético, artístico, político e cultural de alta qualidade. A partir do momento que o sem teto ingressa no projeto Ocas, ele é encaminhado, caso necessário, a um albergue ou moradia provisória e todos devem obedecer a um código de conduta, que segue impresso em todas as revistas. O objetivo da revista é promover oportunidade de trabalho para melhorar a qualidade da vida. A revista atualmente é vendida por R\$3,00, sendo que R\$2,00 ficam para o vendedor e R\$1,00, para despesas do projeto. Pela falta de políticas públicas e projetos que promovam a inclusão social, nem todos terão uma oportunidade de uma mudança de vida, que Pablo Aníbal conquistou trabalhando no projeto em Buenos Aires e nas ruas do Rio de Janeiro. Na rua, o cimento corrói as pessoas e, segundo Pablo Aníbal:

quando você tem fome cara, são poucas pessoas que chegam perto de você e fala:, ai meu irmão, você está bem? Na honestidade, na rua quando a fome chega são poucas as pessoas que oferecem comida, pergunta se está bem. Mas tem cara que chega e pergunta se tem fome e depois, onde posso pegar um back (drogas)? Isso eu escuto desde criança, por que eles sabem que você está ali e está perto de tudo.

Criar vínculos faz parte do processo da reconstrução social desta população, seja de forma efêmera, como na promoção da saúde com alegria pelo Matraca, como por um projeto que reintegre ao cenário dito oficial, ou por um “vira lata”, um cachorro que se torna melhor amigo e protetor, ilustrado entre os protagonistas no documentário. Como diria Ataulfo Alves, o Filósofo do Samba: “Quanto mais conheço o Homem, mais eu gosto do meu cão”.

Na última parte do documentário, o Palhaço Matraca transita entre outro grupo que habita o universo do *Povo Invisível*, as profissionais do sexo, dividido em duas etapas: 1) Capitação na cidade de Niterói, tendo como protagonista uma prostituta; e 2) no Rio de Janeiro, onde as protagonistas foram as travestis e as transgêneros. No Ministério do Trabalho e Emprego (2009) a classificação brasileira de ocupações, número 5198-05, define o Profissional do sexo, a Garota de programa, a Meretriz, a Messalina, o Michê, a Mulher da vida, a Prostituta, o Trabalhador do sexo, como aquele que oferece programas sexuais. Ainda na definição oficial,

“atendem e acompanham clientes; participam de ações educativas no campo da sexualidade, colaborando na construção coletiva de normas e procedimentos que minimizam a vulnerabilidades da profissão”.

Apesar das conquistas dos vários movimentos sociais distribuídos pelo país, o estigma em relação a este grupo é visível nos depoimentos dos atores sociais envolvidos. Estigma, para Goffman (1988) pode se dividir em três tipos:

1) as variações do corpo e deformidades; 2) as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical; 3) Tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual os membros de uma família (p. 14).

Os profissionais do sexo aderem facilmente à categorização de Goffman, por ocuparem também o status de outsiders. Todos os grupos sociais para Becker (2008):

fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las. Regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriados, especificando algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas”. Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo (p. 15).

Dentro desta regra de exclusão Goffman (1988) afirma que:

parece ser possível que um indivíduo não consiga viver de acordo com o que foi efetivamente exigido dele e, ainda assim, permanecer relativamente indiferente ao seu fracasso; isolado por sua alienação, protegido por crenças de identidades próprias, ele sente que é um ser humano normal e que nós é que não somos suficientemente humanos. Ele carrega um estigma, mas não parece impressionado ou arrependido em fazê-lo. (p.09)

Apesar dos percalços e dificuldades desta milenar profissão, o movimento civil organizado conquistou o reconhecimento das profissionais do sexo, bem como a necessidade de trabalhos voltados para a educação popular em saúde.

Nesta terceira parte, trabalhamos em dois territórios. Em Niterói, o primeiro território trabalhado, a captação de imagens contou com a gentil colaboração de Joubert Fonseca do SESC Niterói e da agente comunitária de saúde Claudinha, do Projeto Boca da Noite. Para a coordenadora do programa municipal de DST/AIDS, o Boca da Noite é um dos principais projetos de prevenção de doenças sexuais entre

profissionais do sexo (Homens e Mulheres). Muitos trabalhadores do sexo não vão ao Centro de Saúde, por medo de serem discriminados, entrando assim em campo os agentes de saúde, dialogando e distribuindo preservativos no período noturno, no espaço e contexto utilizado pelos profissionais do sexo. Quando o Palhaço Matraca questiona Luciana (A Rainha do Sexo) sobre o trabalho noturno, ela responde: “queria dizer que é muito difícil se prevenir na noite, infelizmente na noite rola de tudo e infelizmente AIDS mata. Eu acredito que o que gera as DST é a violência, não tenham medo de fazer amor, mas faça com segurança, com camisinha”.

Após esta fase, são encaminhados à unidade de saúde, para efetivamente terem um acompanhamento mais assíduo. Márcia Santana, coordenadora do programa municipal de DST/AIDS, alega que o sucesso do projeto está fundamentado na alegria e na solidariedade.

No Rio de Janeiro, as captações de imagens foram realizadas nos bairros da Glória e Lapa. Segundo Junior, a definição mais corrente e mais comum de travesti é a daquele ser nascido homem e que se veste e se comporta como mulher, assumindo-se feminino; e um transgênero é um ser “entre gêneros”, seja em questões de identidade, comportamento ou mesmo de uma genitália ao mesmo tempo masculina e feminina. A diferença básica é enquanto a segunda necessita da cirurgia de transgenitalização para se sentir plena, a primeira não necessita e convive de forma pacífica com o órgão genital de origem. Aos olhos de uma sociedade com regras e preconceitos, segundo Goffman (1988), as travestis são percebidas: “como incapazes de usar as oportunidades disponíveis para o progresso nos caminhos aprovados pela sociedade; mostram um desrespeito evidente por seus superiores; falta-lhes moralidade; elas representam defeitos nos esquemas motivacionais da sociedade” (p.155).

Entre as camadas populares, sobretudo nos territórios periféricos da cidade, a forma como o indivíduo vivencia o seu afeto e desejo sexual, determinará como será tratado no cenário social. Essa foi a conclusão da pesquisa de Caetano (2007) intitulada “Ousadia, desejo e transgressão: as nuances da juventude gay, lésbica, bissexual e transgênero – GLB”. Sobre esse tema, além de distribuir preservativos, Matraca questiona uma travesti se tem muita violência na rua, e ela responde: “a violência vem dos clientes, a gente sai, não sabe quem é e na hora vira seu inimigo”. A mesma violência levou o Grupo Dignidade (Cavazotti, 2009) a denunciar a morte de 30 travestis e transexuais na cidade de Curitiba e Região Metropolitana. Segundo esse o grupo, nenhum caso foi resolvido e ninguém foi preso, desrespeitando assim o art. 5º da

Constituição Federativa do Brasil (1988) onde, “todos os brasileiros são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”.

Mesmo assim, com a coragem que o instinto de sobrevivência carrega deixando essas pessoas prontas para enfrentamento e afrontamento, este grupo de outsiders intervém sobre seus próprios corpos, ocupando as ruas numa espécie de negação coletiva da ordem social vigente. Segundo Rodrigo Maia:

conhecer os meandros, os detalhes da vida de uma travesti, não tem livro, não tem universidade nenhuma, a gente está descobrindo assim, com eles, acolhendo o melhor possível, respeitando acima de tudo. Esse negócio de dizer, eu aceito, não sei o que, ninguém tem que aceitar nada, o cara é daquele jeito, acabou e ponto final, tem que respeitar e deixar que ele viva a vida dele.

Apesar da inexistência de programas como o Boca da Noite na cidade do Rio de Janeiro, o documentário mostra no discurso dos usuários certo grau de satisfação nos serviços de saúde utilizados. O aprendizado para lidar com esse público se constrói, na prática, de vários profissionais de saúde, que estão disponíveis ao diálogo. Marcelo Duarte fala que: “cabe a cada profissional ter a sensibilidade de perguntar qual o nome quer ser chamado, se de João da Silva ou Jaqueline, e a pessoa vai responder, isso não é lei, mas é uma questão de sensibilidade com o cidadão”.

No documentário, a rua também se transforma no cenário para compartilhar conhecimentos relativos à promoção da saúde, brincadeiras e afeto entre o Palhaço Matraca e o Povo Invisível. Procuramos apresentar um fenômeno social que ocorre em todas as partes do planeta. Por trás de cada ator social envolvido na narrativa fílmica se escondem inúmeras histórias de vida e muitos casos curiosos. Estes relatos vêm à tona neste vídeo na narração das peculiaridades e curiosidades deste grupo de outsiders.

Documentário 2: “NA PISTA” (Figura 3 - Anexo)

Na Pista foi realizado entre os dias 17 e 27 de janeiro de 2007 na cidade de Brasília com apoio do IOC/FIOCRUZ, em parceria com a produtora independente Verdeperto Filmes. Inicia tendo como cenário a Esplanada dos Ministérios e seu entorno, utilizando a mesma metodologia de trabalho do documentário *Matraca e o Povo Invisível*.

O reconhecimento territorial foi realizado em 19 de janeiro de 2008 pelo Palhaço Matraca, caminhando pela esplanada e pelo terminal de ônibus do plano piloto da

cidade de Brasília, detectando um número expressivo de crianças e adolescentes dependentes químicos, que moram ao redor do terminal rodoviário da Asa Sul. O primeiro contato foi realizado no período da manhã, abrindo caminho para a filmagem.

No dia 20 de janeiro foi feita a captação na rampa do Senado brasileiro, com a intervenção da Polícia Federal alegando que qualquer tipo de filmagem só seria possível mediante a autorização prévia. Como a função do Palhaço é subverter a ordem, Matraca conseguiu ler alguns artigos da Constituição Brasileira e tocar o Hino Nacional com seu saxofone, concluindo a primeira parte da captação.

A segunda parte da filmagem foi realizada no dia 21 de janeiro, com os moradores do entorno da rodoviária do Plano Piloto, em sua maioria, menores de idade que também são dependentes químicos. A fim de preservar suas identidades, as imagens foram apresentadas com deformidade no foco. Apesar do forte cheiro de solvente, o trabalho foi realizado com tranquilidade pois, segundo Freire (1987) a relação entre a autoridade e a liberdade tem um caráter distinto da natureza como ela se apresenta ao educador de rua, e a figura do palhaço contradiz a autoridade vigente. O encontro foi finalizado com uma *Jam Session* entre o Palhaço Saxofonista e a *Orquestra de Solvente*, formada pelos jovens dependentes químicos, moradores daquele território. A pedido dos integrantes da orquestra e em conjunto com a mesma, Matraca executa o *Hino Internacional do Brasil* (Hino Nacional) em ritmo afro, finalizando com o tema *Escorregando no bagaço da Laranja*, que se tornaria o *hit* do filme.

No documentário fica claro o desrespeito ao direito à infância, outro grupo de outsiders em situação de grande dificuldade pessoal e social, expostas a violência física e sexual, ao uso de drogas lícitas e ilícitas, à exploração do trabalho infantil e a doenças. Desrespeitando o Art. 7º do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990): “a criança e o adolescente têm direito à proteção da vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência.”

A rua novamente é o cenário para registrar e denunciar o descaso sobre um fenômeno social que afeta crianças e adolescentes dependentes químicos, que moram a poucos metros do Congresso Nacional, realidade social que existe em todas as grandes cidades. O mesmo Congresso que ratificou a Declaração dos Direitos da Criança em 1959 onde, no PRINCÍPIO 1º:

A criança gozará todos os direitos enunciados nesta Declaração. Todas as crianças, absolutamente sem qualquer exceção, serão credoras destes direitos, sem distinção ou discriminação por motivo de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição, quer sua ou de sua família.

A edição foi concluída no dia 5 de fevereiro 2007, somando 6 minutos de documentário.

Última Cena/Discussão

Os dois vídeos se caracterizam por apresentarem territórios distintos com problemáticas comuns nas ruas das cidades, como a dependência química, os moradores de rua, os profissionais do sexo, menores em situação de rua, os ambulantes, a polícia e os transeuntes. Uma cruel realidade que se multiplica a cada ano e necessita mais iniciativas como as apresentadas pelos nossos debatedores no filme “Matraca e o Povo Invisível”. Mário Quintana (2006) fala que “democracia é dar a todos o mesmo ponto de partida, ficando o ponto de chegada na dependência de cada um” (p.141). Fica clara a real necessidade de políticas públicas para quem delas de fato necessita, potencializando a inclusão e não a exclusão social como ponto de chegada para muitos atores sociais.

Os dados apresentados em ambos os documentários, apontam para a importância do enfrentamento dos processos de exclusão social, vivenciado na prática do Palhaço. Constatamos que à medida que nos abrimos para o diálogo com alegria podemos contribuir para a inclusão social, que será eficaz e terá sentido se respeitarmos os direitos do ser humano com políticas públicas solidárias. Para Caetano (2007):

todo ser humano deverá ter o direito à auto-aceitação, às relações sociais positivas, orientadas pelo respeito, qualificação e acolhimento, à autonomia, à determinação de sua própria vida e realizações, à auto-estima, à razão de viver e ao crescimento pessoal e social. São esses valores que devem orientar todos os libertários, cidadãos, defensores da vida e do sonho.

Vinicius de Moraes (1999) recitou “era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada” para seus habitantes. Atores Sociais excluídos de um processo que, para Escorel (1999) se caracteriza não só por uma privação material, mas pela ausência da qualidade de ser cidadão, de ser sujeito e de ser humano. Para muitos filhos da rua, ser cidadão se aproxima mais do aumentativo de cidade do que um direito cívico, onde adultos, adolescentes e crianças são esquecidos e marginalizados na gélida e

desgovernada megalópole. Estes seres possuem vários direitos, como a saúde, a educação e a opção sexual; entretanto não receberam as instruções necessárias para reivindicar o que a Constituição Brasileira garante.

“Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”. Este é o Artigo 1 da Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948). Neste espírito de fraternidade, adotamos a *Arte da Palhaçaria* como ferramenta para investigação participante, aqui compreendida como uma tecnologia pedagógica e social pró-ativa na Promoção da Saúde com Alegria. A relação dialógica entre os movimentos sociais em torno das políticas públicas se torna essencial para o exercício da cidadania, do controle da atuação do Estado, das políticas em desenvolvimento, dos direitos civis e sociais como prática da gestão participativa, um dos princípios do SUS que pode ser confirmado e assegurado com a prática proposta em nosso trabalho.

Agradecimento: Os autores agradecem a todos os envolvidos na construção coletiva dos documentários que proporcionou dar alguma visibilidade ao Povo Invisível.

Bibliografia

ADORNO, Rubens C. F. e VARANDA, Walter. Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, 13(1): 23-45. 2004.

ALVES, Ataulfo. Ataulfo tradição. Faixa 9. *O Homem e o Cão*. Polydor 1967. [acessado 2011 Mar 10] Disponível em: <http://cliquemusic.uol.com.br/discos/ver/ataulfo-alves/ataulfo-tradicao>

BECKER, Harold. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. 1.ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar. 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Repensando a Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*, 1988. [acessado 2010 Dez. 10]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei N. 8069. 1990. . [acessado 2011 Mar 10] Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Classificação Brasileira de Ocupação CBO*, 2009. [acessado 2010 Jan 06] Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>

CAETANO, Marcio. *Ousadia, desejo e transgressão: as nuances da juventude gay, lésbica, bissexual e transgênero – GLBT*, 2007. [acessado 2011 Mar 15] Disponível em: http://www.direitos.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=2491&Itemid=2.

CARTA DE OTTAWA. I Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, Ottawa, nov1986. [acessado 2011 Jan 10] disponível em: <http://www.opas.org.br/promocao/uploadArq/Ottawa.pdf>

CAVAZOTTI, Diogo. Violência contra travestis preocupa ONG. *Revista Ladoa* 2009. Edição Online. [acessado 2011 Mar 01] Disponível em: <http://www.revistaladoa.com.br/website/artigo.asp?cod=1592&idi=1&xmoe=84&moe=84&id=10074>

COSTA, Fernando Braga. *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2004.

DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues” In: Nunes, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA. 1959. [acessado 2011 Mar 01]. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/direitodacrianca.htm>

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DOS HOMENS. 1948. [acessado 2011 Fev 01]. Disponível em: <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/cidh-dudh.html>

EMICIDA. Pra quem já Mordeu um Cachorro por Comida, até que eu Cheguei Longe... Faixa 23. *Triunfo*. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=YMJOmIuUwiM>

SCOREL, Sarah. *Vidas ao Leo – Trajetórias de Exclusão Social*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

SCOREL, Sarah. *Vivendo de Teimosos moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2003.

FREIRE, Marcius. *Fronteiras imprecisas: o documentário antropológico entre a exploração do exótico e a representação do outro*. *Revista FAMECOS* Vol. 03. nº 28 • Porto Alegre dez. 2005 quadrimestral. [acessado 2011 Fev 06] Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/issue/view/40>.

- FREIRE, Paulo & Educadores de Rua. *Uma abordagem Crítica*. 2 ed. Editora Lidor. 1987.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4 ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.
- LEFÈVRE, Fernando. *Promoção da Saúde, ou, A negação*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.
- MALINOWSKI, Bronislaw "Prefácio" de Sir James Frazer e "Introdução. Tema, método e objetivos desta pesquisa". In: *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Ed. Abril, Coleção Os Pensadores, 1976.
- MATRACA, Marcus Vinicius Campos & Araújo – Jorge , Tania & Wimmer, Gert. *A Dialogia do Riso: Um novo conceito que introduz alegria para promoção da saúde, apoiando-se no dialogo, no riso, na alegria e na arte da palhaçaria*. Ciência & Saúde Coletiva, 2009. [acessado 2011 Mar 21] disponível em:
http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/artigo_int.php?id_artigo=4930
- MATRACA, Marcus Vinicius Campos. *Alegria para saúde: a arte da palhaçaria como Proposta de Tecnologia Social Para o Sistema Único de Saúde*. Tese (doutorado) – Instituto Oswaldo Cruz, Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde, Rio de Janeiro, MÉDICOS SEM FRONTEIRAS. *Projeto Meio Fio*. 2004. [acessado 2011 Mar 22] disponível em: <http://www.msf.org.br/galeriaFotos/92/populacao-de-rua-atendimento-diferenciado/>
- MONZANI, Josette. AXÉ, GLAUBER! *Galáxia*, n.6, out., 2003 - 249-254.
- MORAES, Vinicius. *Poesia completa e prosa: "Poemas infantis"*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.
- OCAS – *Saindo das ruas*. N. 42. Fev. 2006.
- SERAFIN, José Francisco. *Estratégias fílmicas do documentário antropológico: três estudos de caso*. Doc On-line, n.03, Dezembro 2007. [acessado 2011 Fev 06] Disponível em: www.doc.ubi.pt/03/artigo_jose_francisco_serafim.pdf
- PEREIRA, Cristina da Costa. *Povos de Rua*. Rio de Janeiro: Luziletras, 2003.
- QUINTANA, Mario. *Caderno H*. Segunda Edição. São Paulo. Globo, 2006.
- SANTOS, Lucíola Lucínio & LOPES, José de Souza Miguel. Globalização, Multiculturalismo e Currículo. In: MOREIRA, Antônio Flávio B. (org). *Currículo: Questões Atuais*. Campinas: Papirus, 1997.
- WEIL, Pierre. *Normose: a patologia da normalidade*. Campinas, SP: Versus Ed. 2003.

Data de Recebimento: 01/03/11
Data de Aprovação: 08/06/11

Para citar essa obra:

MATRACA, Marcus Vinicius Campos; ARAÚJO-JORGE, Tania C. de. Inovação nas práticas de promoção da saúde por meio da arte da palhaçaria: a dialogia do riso registrada em vídeo-documentários nas experiências de campo. RUA [online]. 2011, no. 17.

Volume 2 - ISSN 1413-2109

Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

Rua Caio Graco Prado, 70

Cidade Universitária “Zeferino Vaz” – Barão Geraldo

13083-892 – Campinas-SP – Brasil

Telefone/Fax: (+55 19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>